

assim: a leitura avançava sob a toada do reconhecimento. Até que, como já o notou Frederico Lourenço em leitura atenta, «surge uma estrofe omitida» (Lourenço, 2004: 278), isto é, não surge uma sextilha parentética que alude a uma outra fábula e que o Autor inserira na primeira versão publicada na revista viseense, criando-se assim, com esta alteração, a cisão com a modulação fabular que cruzava Eco e Narciso com «a pequena audácia trácia» (Alexandre, 2001: 9) de Orfeu.

Em «2. duplo», o traço alexandrino opera já sobre o texto impresso, elidindo por sugestão, individual ou geral (quantos livros assim e iguais?), 70 versos seguidos (Alexandre, 2001b: 33-36) e, intermitentemente, outros 42 (ibid.: 37-39), seguidos de 14 (ibid.: 40-41) e mais 28 (ibid.: 41-42), num total de 154 versos eliminados (?) ou problematizados (?).

Por último, em «3. eco», Franco Alexandre apenas rectifica o título da obra donde colhera o trecho da epígrafe, antepondo «Le» a «Roman de la Rose».

Por aqui se ficando a intervenção de António Franco Alexandre, é justo que se conclua que a alteração material do texto impresso, não sendo confundível com um acto de corrupção textual, pode ser entrevista como uma correcção redaccional pós-tipográfica promovida pelo Autor.

Não se podendo prever para já se a modificação veio para ficar (há que esperar, por exemplo, por nova recolha da obra completa) ou se o encurtamento é individualizado para os destinatários (ouvi falar de outros casos, não sei se iguais), o certo é que a diferença endofórica interage já com a supressão e permite certos hermenêuticos consequentes.

Sem previsão de «terramoto» nas linhas de leitura já traçadas, o «novo» texto alexandrino corrobora a «fulminação»¹ anteriormente detectada pelos hermeneutas alexandrinos, talvez se podendo dizer que a incisão autoral matiza a «boca bilingue».

E assim a fábula alexandrina segue a metamorfose do corpo (corpo no corpo, acção do tempo sobre o corpo, fulgor e reflexo eróticos ...), semeando chaves interpretativas e possibilidades. Antiquíssimo e matinal, corado polifonicamente pelas melhores vozes, o canto fabular e mítico de António Franco Alexandre não se esgota naquilo que dizem ser²: e, no entanto, é já tudo o que foi dito mais o calor de novas emoções. Novas

¹ Frederico Lourenço refere-se do seguinte modo ao encontro havido com este livro: «O livro que me fulminou nessa segunda-feira que nunca esquecerei é *Uma fábula* (Assírio & Alvim, 2001), um quarteto assombroso constituído por “Poema Simples”, “Duplo”, “Eco” e “Epimítio”» (Lourenço, 2004: 273).

² Fernando Pinto Amaral (2001) entrevê na obra alexandrina a narrativa de uma história de amor, em que abundam monólogos dialogais, que dirige o sentido para uma ética poética e para a suspensão da fluidescência humana; David Antunes (2002) defende que o que se passa é «a silenciosa consciência de uma solidão e de um cepticismo que irrompe da sistemática tentativa do sujeito querer acreditar que não está só e que os outros existem e lhe devolvem uma consciência da sua própria existência»; António Franco Alexandre (2002) defende ser *Uma fábula* um «quinto capricho», aí se fundindo vida e literatura, reali-

e diferentes, como diversas e complementares são as vozes desta *fábula*.³ Pensando bem, não serão aqui as palavras o verdadeiro acontecimento, que, no sentido de Tsvetaieva, permite dizer viver o amor das palavras e morrer dos factos? E, no entanto, os factos são a poesia.

Bibliografia

- ALEXANDRE, António Franco (2001). *Uma Fábula*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- (2002). «“depoimento?” para um apeadeiro». *Apeadeiro* 2, 22-34.
- AMARAL, Fernando Pinto (2001). «A luz que nasce das palavras». *Mil Folhas* de 10 de Novembro, 10.
- ANTUNES, David (2001). «Identidade, metamorfose e fantasmas em *Uma Fábula* de amor». *A Phala* 90, 112-113.
- (2002). «O sopro do sentido na poesia muda de António Franco Alexandre». In <http://www.ples.umassd.edu./ples7texts/Antunes.doc>.
- FERREIRA, António Manuel (2005). «*Uma Fábula*, de António Franco Alexandre». *forma breve* 3.
- LOURENÇO, Frederico (2002). «António Franco Alexandre: Pense quem lê». *Os meus livros* 2, 27-30.
- (2004). «Catafonia Visível: *Uma Fábula* de António Franco Alexandre». In *Grécia Revisitada*. Lisboa: Livros Cotovia, 273-279.
- MARTELO, Rosa Maria (2002). «Metamorfose e Repetição: *Uma Fábula*, de António Franco Alexandre». *Relâmpago* 10, 143-149.
- PITTA, Eduardo (2002). «António Franco Alexandre». *Ler (Livros & Leitores)* 53, 98-99.
- RUBIN, David Lee and SELLS, A. Lytton (1993). «Fable». In PREMINGER, Alex and BROGAN, T.V.F. (eds.). *The New Princeton Encyclopedia of Poetry and Poetics*. New York: MJF Books.
- SOUSA, Martim de Gouveia e (2002). «A poesia simples de António Franco Alexandre». *Ave- -Azul* 5-6, 137-138.

dade e imaginação, humor e desistência; Rosa Maria Martelo (2002) releva o apagamento da imagem do outro; eu acentuei o ironismo e a viagem especular do descentramento presentes em «poema simples» (2002), vincando depois a imensa história de amor plasmada na obra (2003); Eduardo Pitta (2002), *en passant*, lê a fábula à escala genológica; Frederico Lourenço (2003 e 2004) alude ao homem-fábula que representa a condição humana, vincando o poder sedutor e a simplicidade emotiva do texto alexandrino, aí se mostrando o mito da metamorfose universal; por último, António Manuel Ferreira (2005), vinca o processo de reconhecimento aí travado, deslocando o saldo parenético, que Pitta parecera divisar, para a lição ovidiana do «iste ego sum», que é, também, uma missão para cada leitor. Um no outro, pois.

³ De acordo com o postulado de David Lee Rubin e A. Lytton Sells (Rubin-Sells, 1993: 400-401), que subdivide as fábulas em três categorias («the assertional, the dialectical, and the problematic»), inseriria *Uma fábula* nas problemáticas, atendendo à «omissão» da tese (o poema, diria Franco Alexandre, é «a sombra que ilumina/o lugar onde nada se vê», à disparidade «narrativa», à polifonia e à ambiguidade.

- (2002). «António Franco Alexandre: o sopro de Eros entre os ossos e o chão». *Jornal do Centro* 32, 21.
- (2002). «Um no outro: a poesia silenciosa de António Franco Alexandre». *O Zurara* 2, 6.
- (2003). «Uma cama de árvores e de lume: a poesia de António Franco Alexandre». In FERREIRA, António Manuel (coord.). *Percursos de Eros: Representações do Erotismo*. Aveiro: Universidade de Aveiro, 209-221.
- (2005). «*Uma fábula*: a lição política em António Franco Alexandre». *Jornal do Centro* 186.

Resumo: António Franco Alexandre é um dos nomes maiores da poesia portuguesa. Agindo sobre o texto impresso, o poeta redirecciona o leitor e escreve, possivelmente, um outro texto. A alteração material, individualizada ou sistemática, é acto que só novas edições poderão tornar válido.

Abstract: António Franco Alexandre is one of the most renowned contemporary Portuguese poets. By acting upon the printed text, the poet reorients the reader and possibly writes another text. Material change, whether individualized or systematic, is an act that only new editions can validate.